

Dor como 5º sinal vital e registros de enfermagem: revisão integrativa
Pain as the 5th vital sign and nursing records: an integrative review
El dolor como 5º signo vital y registros de enfermería: una revisión integradora

Recebido: 28/10/2020 | Revisado: 28/10/2020 | Aceito: 29/10/2020 | Publicado: 03/11/2020

Tábata de Cavatá Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7758-218X>

Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil

E-mail: tabatasouza@hcpa.edu.br

Daiane da Rosa Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4867-7219>

Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil

E-mail: daimonteiro8@gmail.com

Aline dos Santos Duarte

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5357-1179>

Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil

E-mail: duarte.alines@gmail.com

Ana Cristina Pretto Bão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2747-7197>

Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil

E-mail: abao@hcpa.edu.br

Tatiana da Silva Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4718-556X>

Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil

E-mail: tadsoliveira@hcpa.edu.br

Raquel Yurika Tanaka

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4591-6050>

Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Brasil

E-mail: rtanaka@hcpa.edu.br

Resumo

Por se tratar de sintoma prevalente no relato da maioria dos pacientes, na atualidade, a dor é um critério obrigatório de avaliação. A inclusão da dor como 5º sinal vital, com apropriado

registro e consequente intervenção, assegura que todos os pacientes tenham acesso a medidas eficazes para o controle da dor. Considerando a proximidade e o tempo em que a equipe de enfermagem permanece com os pacientes, é necessário promover educação permanente direcionada a estes profissionais para que, de fato, ocorra a avaliação sistematizada da dor. Objetiva-se descrever como ocorre o registro da dor como o 5º sinal vital no cuidado ao paciente hospitalizado. Trata-se de uma revisão integrativa com seis artigos selecionados nas bases de dados *Lilacs*, *PubMed* e *SciELO* entre o período de 2010 e 2020. Após a leitura, análise e interpretação dos dados, as publicações evidenciaram que a prática de registros de dor como 5º sinal vital deve ser mais enfatizada, visando otimizar o atendimento e influenciar na saúde e qualidade de vida do paciente de forma positiva. Com isso, a pesquisa reflete sobre a necessidade de ser ministradas capacitações aos profissionais de enfermagem para um manejo adequado da dor nos pacientes hospitalizados.

Palavras-chave: Dor; Sinais vitais; Cuidados de enfermagem.

Abstract

As it is a prevalent symptom in the report of most patients, today, pain is a mandatory assessment criterion. The inclusion of pain as the 5th vital sign, with appropriate registration and consequent intervention, ensures that all patients have access to effective measures for pain control. Considering the proximity and the time that the nursing team remains with the patients, it is necessary to promote permanent education directed to these professionals so that, in fact, the systematic assessment of pain occurs. The objective is to describe how pain is recorded as the 5th vital sign in the care of hospitalized patients. It is an integrative review with six articles selected from the *Lilacs*, *PubMed* and *SciELO* databases between 2010 and 2020. After reading, analyzing and interpreting the data, the publications showed that the practice of pain records as 5 The vital sign should be more emphasized, aiming to optimize care and positively influence the patient's health and quality of life. Thus, the research reflects on the need to provide training to nursing professionals for adequate pain management in hospitalized patients.

Keywords: Pain; Vital signs; Nursing care.

Resumen

Al ser un síntoma prevalente en el informe de la mayoría de los pacientes, hoy el dolor es un criterio de valoración obligatorio. La inclusión del dolor como quinto signo vital, con el registro adecuado y la consiguiente intervención, asegura que todos los pacientes tengan

acceso a medidas efectivas para el control del dolor. Considerando la proximidad y el tiempo que el equipo de enfermería permanece con los pacientes, es necesario promover la educación permanente dirigida a estos profesionales para que, de hecho, se produzca la evaluación sistemática del dolor. El objetivo es describir cómo el dolor se registra como el quinto signo vital en la atención de pacientes hospitalizados. Se trata de una revisión integradora con seis artículos seleccionados de las bases de datos Lilacs, PubMed y SciELO entre 2010 y 2020. Luego de leer, analizar e interpretar los datos, las publicaciones mostraron que la práctica del dolor registra como 5 Se debe enfatizar más el signo vital, con el objetivo de optimizar la atención e influir positivamente en la salud y la calidad de vida del paciente. Así, la investigación reflexiona sobre la necesidad de capacitar a los profesionales de enfermería para el adecuado manejo del dolor en los pacientes hospitalizados.

Palabras clave: Dolor; Signos vitales; Cuidado de enfermera.

1. Introdução

A dor é definida, pela Sociedade Americana de Dor, como 5º sinal vital e deve ser avaliada na hora do acolhimento do paciente, juntamente com os demais sinais: temperatura, frequência respiratória, frequência cardíaca e a pressão arterial, sendo que sua avaliação ajuda no diagnóstico do problema apresentado pelo paciente (Viveiros et al., 2018).

Percebe-se que a avaliação da dor tem como objetivo prestar um cuidado de acordo com as necessidades de cada paciente. Mostra-se que, nesse contexto, desde o início da década de 2000, a dor foi considerada como o quinto sinal vital e pode ser mensurada por meio de diversas escalas. O sintoma deve ser registrado em conjunto aos demais sinais vitais, sendo referida sua característica e intensidade para possibilitar a melhoria na assistência ao paciente (Castro et al., 2018).

A expressão “dor como 5º sinal vital” refere-se à realização sistematizada do cuidado, podendo ocorrer no momento da avaliação dos sinais vitais e após as intervenções analgésicas, sendo possível observar a evolução do quadro sintomático do paciente (Bucknall et al., 2007). Somente com a avaliação e a reavaliação frequente e regular da intensidade e do comportamento doloroso pode-se obter tomadas de decisões efetivas relacionadas ao manejo analgésico e não-analgésico pela equipe de enfermagem (Song et al., 2015).

No estudo de Queiroz et al. (2015), estima-se que a dor esteja presente em aproximadamente 30% dos pacientes diagnosticados e em cerca de 80% dos pacientes em fase final de vida. Esse sintoma compromete a qualidade de vida dos indivíduos e seus familiares e

percebe-se que a avaliação da dor tem como objetivo prestar cuidados de acordo com as necessidades de cada paciente.

Os profissionais da saúde ao oferecerem alívio à dor, necessitam julgamento apropriado e abordagens mais avançadas disponíveis para humanizar o cuidado. A partir disso, é imprescindível o envolvimento da enfermagem quanto à aquisição de conhecimento e treinamento, para que possa desempenhar seu papel de forma eficaz, conduzindo assim para o sucesso no controle da dor (Cunha & Rego, 2015). As ações de educação permanente devem ser constantes nos serviços de saúde, contribuindo desta maneira para a formação de profissionais mais qualificados para assistência efetiva ao paciente (Almeida et al., 2016).

O objetivo deste estudo é descrever como ocorre o registro da dor como 5º sinal vital no cuidado ao paciente hospitalizado.

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a qual se caracteriza por ser um método que prevê a análise de pesquisas, subsidiando a tomada de decisão e permitindo a compreensão de um determinado assunto. Permitem ainda o reconhecimento de lacunas no conhecimento que necessitam ser preenchidas por meio de novas pesquisas (Mendes et al., 2008). A revisão desenvolveu-se em seis etapas: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (Souza et al., 2010).

O desenvolvimento deste trabalho se deu por meio da formulação da seguinte questão norteadora: nos artigos analisados, como ocorre o registro da dor como o 5º sinal vital no cuidado ao paciente adulto hospitalizado?

Realizou-se uma busca nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (*LILACS*), *PubMed* e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. Os descritores utilizados foram: Dor (*Pain*), Sinais vitais (*Vital Signs*) e Enfermagem (*Nursing*). A coleta dos dados deu-se entre os meses de agosto e setembro de 2020. Os critérios de inclusão foram artigos que abordam a temática de registros da dor, artigos publicados nos últimos 10 anos, entre 2010 e 2020; artigos com resumo e texto completo disponíveis nas bases de dados *online* e artigos escritos em inglês, português ou espanhol. Os critérios de exclusão foram estudos que abordassem a temática relacionadas a pediatria ou extra hospitalares e estudos de revisão. Frente a isso, seis artigos se enquadraram dentro da questão em estudo.

3. Resultados e Discussão

A Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor (SBED) descreve a dor como o quinto sinal vital, o qual deve ser registrado ao mesmo tempo dos demais (temperatura, pulso, respiração e pressão arterial). Desde o ano de 2000 a Joint Commission on Accreditation on Healthcare Organizations (JCAHO) caracteriza a dor como o quinto sinal vital (Ribeiro et al., 2013).

Pelo fato da equipe de enfermagem estar próxima dos pacientes, assim como outros profissionais da área da saúde é imprescindível que ela, juntamente com a liderança do enfermeiro, reconheça sua responsabilidade diante do indivíduo com dor, para que o enfermeiro possa fazer a sistematização da assistência de enfermagem e identificar as intervenções apropriadas para o seu alívio (Saça et al., 2010). Somente com a avaliação e a reavaliação frequente e regular da intensidade e do comportamento doloroso pode-se obter tomadas de decisões efetivas relacionadas ao manejo terapêutico pela equipe de enfermagem (Bucknall et al., 2007).

Sendo assim, saber sobre a descrição dos registros de enfermagem e verificação dos sinais vitais frente ao tratamento de um paciente hospitalizado é de suma importância para a prestação de um cuidado humanizado e de excelência, promovendo a segurança deste paciente.

Utilizando os descritores anteriormente citados, foram encontrados 11 artigos nas Bases de Dados *SciELO*, nenhum no *PubMed* e 21 *LILACS*, totalizando 32 artigos e contendo dois estudos repetidos entre duas Bases. Destes, 13 títulos e resumos foram selecionados conforme os critérios de inclusão e exclusão e, após leitura rigorosa, seis artigos se enquadraram dentro da questão em estudo, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 - Artigos para análise da Revisão Integrativa.

Título / Autor / Ano	Periódico	Base de Dados	Procedência do estudo
1. Dor: Quinto sinal vital, um desafio para o cuidar em enfermagem (Pedroso & Celich, 2006)	Texto & Contexto Enferm	<i>SciELO</i>	Rio Grande do Sul/Brasil

2. Perfil Clínico, diagnóstico e cuidados de enfermagem para pacientes em pós-operatório de cirurgia bariátrica (Steyer <i>et al.</i> , 2016)	Revista Gaúcha Enferm	<i>SciELO</i>	Rio Grande do Sul/Brasil
3. Avaliação da intensidade de dor e sinais vitais no pós-operatório de cirurgia cardíaca (Miranda <i>et al.</i> , 2011)	Rev Esc Enferm USP	<i>SciELO</i>	Ceará/Brasil
4. A dor como 5º sinal vital: atuação da equipe de enfermagem no hospital privado com gestão do Sistema único de Saúde(SUS) (Saça <i>et al.</i> , 2010)	Journal of the Health Sciences Institute	<i>LILACS</i>	São Paulo/Brasil
5. O enfermeiro no cuidado à vítima de trauma com dor: o quinto sinal vital (Ribeiro <i>et al.</i> , 2011)	Rev Esc Enferm USP	<i>LILACS</i>	Sergipe/Brasil
6. Associação entre sinais vitais e Sistema de Triagem de Manchester: estudo observacional retrospectivo (Martins <i>et al.</i> , 2018)	Online Brazilian Journal of Nursing	<i>LILACS</i>	Coimbra/ Portugal

Fonte: Autoras.

Nesta revisão integrativa, observa-se que cinco artigos encontrados são oriundos do Brasil e um de Portugal. Todos foram publicados em distintos periódicos nacionais, sendo três artigos encontrados na base de dados *SciELO* e três no Lilacs. Desses artigos, duas publicações foram retirados da Revista da Escola de Enfermagem da USP.

Em relação a avaliação dos periódicos pelo QUALIS/CAPES-2019- Área da Enfermagem-, ressalta- se que 5 artigos estão publicados em periódicos classificados como

A1, A2, A3 e B1, ou seja, com padrão de excelência, o que expõe a importância do tema para a área.

Verificou-se que três artigos são recortes de dissertação e monografias de enfermagem e três artigos advieram de programas de pós-graduação e grupos de pesquisa.

No Quadro 2, para melhor visualização, foram relatados os tópicos explorados em cada artigo.

Quadro 2 – Considerações sobre dor em cada artigo.

Artigo	Tópicos explorados
1	Escalas de avaliação da dor. Dor ainda é pouco enfatizada quando verificado junto aos sinais vitais. Profissionais nem sempre acreditam na dor do paciente.
2	Diagnóstico de Enfermagem de Dor Aguda estabelecida em 99,3% dos pacientes desse estudo. O cuidado mais prevalente prescrito é o registro de dor como 5º sinal vital.
3	Estabelece uma correlação no momento de dor e alterações nos sinais vitais.
4	Relato da equipe de enfermagem: Método mais utilizado na avaliação da dor é o relato verbal, mas somente 52% dos profissionais avaliam a dor junto com sinais vitais. Equipe de enfermagem bem treinada na avaliação da dor: proporciona atendimento humanizado.
5	Necessidade de promover a educação permanente sobre o registro de intensidade da dor como 5º sinal vital e qualidade dos registros.
6	Destaca que o sinal vital avaliado com maior frequência em emergência hospitalar foi a intensidade da dor.

Fonte: Autoras.

Observa-se, conforme o Quadro 2, que no artigo 1 de Pedrosa & Celich (2006), há o destaque das escalas de avaliação da dor, subnotificação de dor aos sinais vitais e que os profissionais nem sempre acreditam na dor do paciente. Conforme Song et al. (2015), apesar da dor ser um dos principais motivos que levam à procura pelo Pronto-Socorro e da existência de escalas para avaliar a sua intensidade, poucos profissionais utilizam essas ferramentas durante a assistência. Em outro estudo foi identificada a dificuldade de compreender a dor no paciente em alguns momentos, pois os profissionais da área de saúde, incluindo a equipe de enfermagem, podem desvalorizar o relato de dor dos pacientes. Há falta de sensibilização em escutá-los e esses fatores interferem na mensuração e avaliação da dor. Com isso, considerando-se que a dor é uma experiência subjetiva e individual, cabe à equipe de saúde respeitar essa condição, interpretar e intervir de maneira adequada no manejo da dor (Silva et al., 2016).

Nos artigos 2 de Steyer et al (2016) e 5 de Ribeiro et al (2011), relata-se o cuidado de enfermagem prescrito, o registro de dor como 5º sinal vital e a qualidade desses registros. No estudo de Castro et al (2018), houve abordagem em relação ao diagnóstico de enfermagem de dor aguda. O instrumento proposto na implementação da dor como 5º sinal vital foi a escala visual numérica em uma clínica de cuidados paliativos oncológicos onde mostrou-se que 75% consideraram que o instrumento influenciou positivamente na elaboração de diagnóstico de enfermagem e 25% consideraram que pouco influenciou, porém, todos referiram que a avaliação e o registro da dor contribuíram para a qualidade da assistência de enfermagem.

Para Bernardes et al. (2009), mencionou-se como mecanismo/ação para amenizar essas dificuldades, a participação do enfermeiro na implementação da dor como quinto sinal vital em seu ambiente de trabalho, com parcerias de todos os profissionais da saúde e com a realização de estudos de casos. O profissional deve incentivar e promover a equipe a repensar de suas funções, levando como base a referência do cuidado e tendo por objetivo alcançar a eficiência no trabalho de enfermagem. Dessa maneira, o enfermeiro também deve orientar, realizar e estimular a equipe quanto à necessidade de realizar estudos de casos, no intuito de avaliar a temática da dor em sua prática profissional, para que os resultados desses estudos sejam utilizados como parâmetros que possam ser adotados na assistência ao paciente (Pagani & Andrade, 2012). Da mesma forma, outro estudo que verificou a experiência dos pacientes submetidos a grandes cirurgias que realizaram pós-operatório em terapia intensiva identificou que 54,5% dos pacientes foram abordados somente sobre a presença ou não de dor, não utilizando escalas de mensuração, tendo em vista que a maior preocupação da equipe de

enfermagem foi em relação a ocorrência de dor e não com a qualidade, intensidade ou quanto ao estímulo doloroso poderia estar causando desconforto ao paciente (Barbosa et al., 2011).

Nos artigos 4 de Saça et al (2010) e 5 de Ribeiro et al (2011) foi destacado o assunto sobre treinamentos à equipe de enfermagem, no qual Rigotti & Pereira (2005) em um estudo com enfermeiros, identificaram que 62% destes não possuíam conhecimentos suficientes sobre dor e analgesia. Percebe-se a importância da educação permanente dos profissionais a fim de aprimorar conhecimentos sobre essa questão. O enfermeiro tem responsabilidade na avaliação, intervenção e monitorização referente a dor no tratamento prestado.

Um estudo que avaliou o conhecimento dos enfermeiros sobre dor evidenciou que 73,3% nunca participaram de um treinamento e que seu conhecimento acerca do manejo da dor era moderado (Alzghoul & Abdullah, 2015). A enfermagem é integrante da equipe multidisciplinar, deve ser treinada para a avaliação e manejo da dor como 5º sinal vital, sendo de extrema importância para uma analgesia correta, amenizando assim o quadro algíco e nível de estresse e alterações nos demais sinais vitais que se instala no período de internação, assim podendo influenciar todo trabalho em equipe. O adequado preparo destes profissionais torna-se indispensável para que se alcance sucesso na analgesia e administração da dor (Saça et al., 2015).

No artigo 3, de Miranda et al (2011), destaca-se as alterações dos demais sinais vitais devido a presença de dor. Para Andrades & Neves (2013), a estimulação causada pela dor leva a alterações fisiológicas, como aumento da frequência cardíaca. Embora não sejam específicos, esses parâmetros podem ser utilizados juntamente com outras medidas de avaliação, como a observação do comportamento da criança e do adolescente. No estudo, algumas crianças apresentaram discretas alterações na pressão, na frequência cardíaca e respiratória, que retornaram à normalidade após a reavaliação, mesmo naquelas sem queixas de dor. Dessa maneira, a evolução de enfermagem deve conter em seu registro a hora, a duração e o tipo de dor para fornecer informações que possam auxiliar a decisão clínica do enfermeiro e de outros profissionais.

O artigo 6, de Martins et al (2018), refere-se a prevalência de dor como o sinal vital mais verificado. Também evidenciado no estudo de Guedes et al (2015), os sintomas que mais motivaram a procura pelo serviço foram a dor (46,3%) e os sintomas respiratórios (14,4%), resultado encontrado em outros dois estudos nacionais que avaliaram as queixas apresentadas pelos pacientes, segundo protocolo de classificação de risco. Por fim, no estudo de Dick & Lohmann (2020), ressaltam que a ocorrência da dor pode ocasionar outras consequências, como taquicardia, dispnéia e nervosismo, sendo de extrema importância o sintoma dor ser

bem avaliado e o paciente medicado, deixando o mesmo mais tranquilo e otimizando o tratamento.

Como trata-se de um estudo de revisão integrativa, suas limitações estão associadas à busca em descritores definidos pelos autores e a restrição de quantidade de estudos nessa temática, como visto na busca no *PubMed* que nenhum artigo foi encontrado.

4. Conclusão

Verificou-se que a avaliação sistematizada da dor no paciente hospitalizado tem como objetivo a identificação do sintoma doloroso, melhor documentação do registro de dor e possibilidades na ampliação de tratamento adequado. Essas informações colaboram para a melhoria da comunicação entre o profissional de enfermagem e paciente e auxilia na sistematização do cuidado.

Evidenciou-se, também, que avaliação sistematizada da dor vai além do registro como 5º sinal vital, pois deve ser um processo dinâmico frente à pessoa com dor, fornecendo informações sobre a intensidade, localização e frequência, após instituir terapia analgésica e avaliar a eficácia da mesma. Somente registrando sistematicamente aspectos sobre a dor torna-se mais evidente o controle do sintoma e melhoria da qualidade assistencial e de satisfação do paciente.

Como a implantação da avaliação sistematizada da dor ainda é desafiadora, novas abordagens poderão acompanhar a discussão, a reflexão e a análise crítica quanto à sistematização da dor como ao cuidado humanizado.

Referências

Almeida, J. R. S., Bizerril, D. O., Saldanha, K. G. H., Almeida, M. E. L. (2016) Educação Permanente em Saúde: uma estratégia para refletir sobre o processo de trabalho. *Revista da ABENO*. 16 (2), 7-15.

Alzghoul, B. I., & Abdullah, N. A. (2015). Pain Management Practices by Nurses: An Application of the Knowledge, Attitude and Practices (KAP) Model. *Glob J Health Sci*. 8(6), 154-60.

Andrade, L. M. M., & Neves, R. S. (2013). Dor como 5º sinal vital: Avaliação e reavaliação em uma unidade de oncologia pediátrica. *Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped.* 13(2), 95-104.

Barbosa, T. P., Baccaria, L. M., & Pereira, R. A. M. (2011). Avaliação da experiência de dor pós-operatória em pacientes de unidade de terapia intensiva. *Rev bras ter intensiva.* 23(4), 470-7.

Bernardes, A., Ramos, B. M., Betela-junior, J., & Paiva, P. N. (2009). Supervisão do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel: visão dos auxiliares de enfermagem. *Ciênc Cuid Saude*, 8(1), 79-85.

Bucknall, T., Manias, E., Botti, M., & Tracey, K. (2007). Nurses' reassessment of postoperative pain after analgesic administration. *The Clinical Journal of Pain.* 23(1), 1-7.

Castro, C. C., Bastos, B. R., & Pereira, A. K. S. (2018). Implementação da avaliação da dor como o quinto sinal vital. *Revista de Enfermagem UFPE on Line.* 12 (11), 3009-14.

Cunha, F. F., Rego, L. P. (2015). Nursing and cancer pain. *Rev Dor. São Paulo.* 16 (2), 142-5.

Dick, A. D., & Lohmann, P. M. (2020). A dor no contexto urgência e emergência: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development.* 9(4), e105942898.

Guedes, H. M., Souza, K. M., Lima, P. O., Martins, J. C. A., & Chianca, T. C. M. (2015). Relationship between complaints presented by emergency patients and the final outcome. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 23(4), 287-94.

Martins, J. C. A., Guedes, H. M., Souza, C. C., & Chianca, T. C. M. (2008). Associação entre sinais VITAIS E Sistema de Triagem de Manchester: estudo observacional retrospectivo. *Online Brazilian Journal of Nursing.* 17(4), 758-764.

Mendes, K. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2018). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Context Enferm.*, 16(4), 379-388.

Miranda, A. F. A., Silva, L. F., Caetano, J. Á., Sousa, A. C., & Almeida, P. C. Avaliação da intensidade de dor e sinais vitais no pós-operatório de cirurgia cardíaca. *Rev Esc Enferm USP*, 45(2), 327-33.

Pagani, R., & Andrade, L. O. (2012). Preceptoria de Território, Novas práticas e saberes na Estratégia de Educação Permanente em Saúde da Família: o estudo do caso de Sobral, CE. *Saúde Soc.*, 21(1), 94-106.

Pedroso, R. A., & Celich, K. L. S. (2006). Dor: quinto sinal vital, um desafio para o cuidar em enfermagem. *Texto Contexto Enferm.*, 15(2), 270-6.

Queiroz, D. T. G., Carvalho, M. A., Carvalho, G. D. A., Santos, S. R., Moreira, A. S., & Silveira, M. F. A. (2015). Pain – 5th Vital sign: nurses Knowledge. *Rev enferm UFPE on line*. 9(4), 7186-92.

Ribeiro, N. C. A., Barreto, S. C. C., Hora, E. C., & Sousa, R. M. C. (2011). O enfermeiro no cuidado à vítima de trauma com dor: o quinto sinal vital. *Rev esc enferm USP*, 45(1), 146-52.

Rigotti, M. A., & Ferreira, A. M. (2005). Intervenções de enfermagem ao paciente com dor. *Arq cienc saude*.12(1), 50-4.

Saça, C. S., Carmo, F. A., Arbuleia, J. P. S., Souza, R. C. X., Alves, S. A., & Rosa, B. A. (2010). A dor como 5º sinal vital: atuação da equipe de enfermagem no hospital privado como gestão do Sistema único de Saúde (SUS). *J Health Sci Inst.*, 28(1), 35-41.

Silva, J. S., Cruz, T. A. F., Ribeiro, C. J. N., Santos, V. S., Alves, J. A. B., & Ribeiro, M. C. O. (2016). Pain in patients attended at risk classification of an emergency service. *Rev Dor*, 17(1), 34-8.

Song, W., Eaton, L. H., Gordon, D. B., Hoyle, C., & Doorenbos, A. Z. (2015). Avaliação da Prática de Gerenciamento da Dor em Enfermagem Baseada em Evidências. *Pain Management Nurses*, 16 (4), 456–463.

Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106.

Steyer, N. H., Oliveira, M. C., Gouvêa, M. R. F., Echer, I. C., & Lucena, A. F. (2016). Perfil clínico, diagnósticos e cuidados de enfermagem em pós-operatório de cirurgia bariátrica. *Rev Gaúcha Enferm.*, 37(1), e: 50170.

Viveiros, W. L., Okuno, M. F. P., Campanharo, C. R. V., Lopes, M. C. B. T., Oliveira, G. N. O., & Batista, R. E. A. (2018). Dor no serviço de emergência: correlação com as categorias da classificação de risco. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 26, e 3070.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Tábata de Cavatá Souza – 50%

Daiane da Rosa Monteiro – 15%

Aline dos Santos Duarte – 8,75%

Ana Cristina Pretto Bão – 8,75%

Tatiana da Silva Oliveira – 8,75%

Raquel Yurika Tanaka – 8,75%